

Ministério do Turismo, Fundação Bienal de São Paulo e Itaú apresentam

Mostras itinerantes da 34ª Bienal de São Paulo chegam a Campos do Jordão, em SP, e Belo Horizonte, em MG

Exposições serão abertas no Palácio Boa Vista e no Palácio das Artes, entre junho e julho; promovido pela Fundação Bienal de São Paulo em parceria com diferentes instituições culturais, o programa de mostras itinerantes leva recortes da mostra a cidades no Brasil e exterior

[Baixe aqui imagens da itinerância de 2022](#)

São Paulo, 24 de junho de 2022 - Campos do Jordão (SP) e Belo Horizonte (MG) são as próximas cidades a receber uma exposição itinerante da **34ª Bienal de São Paulo – Faz escuro mas eu canto**, com abertura no próximo dia **29 de junho** no **Palácio Boa Vista** e **5 de julho** no **Palácio das Artes**, respectivamente.

É a primeira vez que o programa de mostras itinerantes, já em sua sexta edição, apresenta um recorte da Bienal de São Paulo na cidade de Campos do Jordão (SP). A iniciativa foi viabilizada por uma parceria com o Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria do Governo e da Secretaria de Cultura e da Economia Criativa. Em Belo Horizonte, a exposição foi viabilizada através de parceria da Fundação Bienal de São Paulo com a Fundação Clóvis Salgado, por meio da APPA Arte e Cultura.

Mostra itinerante no Palácio Boa Vista

Este ano, as mostras itinerantes foram pensadas a partir de enunciados: objetos ou elementos imateriais utilizados pela curadoria para reunir obras e artistas, criando eixos temáticos sem reduzir, no entanto, as interpretações a uma leitura única. O recorte da mostra que será exibido em Campos do Jordão é organizado a partir do enunciado **Cantos Tikmũ'ün**, com trabalhos dos seguintes artistas: **Alice Shintani, Ana Adamović, Anna-Bella Papp, Daiara Tukano, Eleonore Koch, Jacqueline Nova,**

Luisa Cunha, Noa Eshkol, Regina Silveira, Sebastian Calfuqueo e Victor Anicet.

Sobre o enunciado Cantos Tikmũ'ün

Os **Tikmũ'ün**, também conhecidos como **Maxakali**, são um povo indígena originário de uma região compreendida entre os atuais estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo. Após inúmeros episódios de violências e abusos, os Tikmũ'ün chegaram a beirar a extinção nos anos 1940 e foram forçados a abandonar suas terras ancestrais para sobreviver. Os cantos organizam a vida nas aldeias, constituindo quase um índice de todos os elementos que estão presentes em seu cotidiano – plantas, animais, lugares, objetos, saberes – e envolvendo sua rica cosmologia. Grande parte desses cantos, muitas vezes destinados à cura, é executada coletivamente.

No contexto de uma exposição concebida ao redor da necessidade e do poder do canto, tanto num sentido literal quanto metafórico, o exemplo dos Tikmũ'ün ressoa de modo potente, inclusive do ponto de vista político: em sua prática, o esforço comunitário é constantemente renovado para nomear e assim construir coletivamente um universo. Na itinerância da 34ª Bienal de São Paulo, ao redor desse enunciado agrupam-se obras que têm entre seus disparadores reflexões sobre a necessidade de preservação do meio-ambiente e de salvaguarda de culturas e conhecimentos que são transmitidos oralmente de geração em geração, como os próprios cantos Tikmũ'ün.

Mostra itinerante no Palácio das Artes

O recorte da mostra que será exibido em Belo Horizonte é organizado a partir de três enunciados, **O sino de Ouro Preto**; **Os retratos de Frederick Douglass** e **A ronda da morte de Hélio Oiticica** e tem trabalhos dos seguintes artistas: **Ana Adamović, Andrea Fraser, Anna-Bella Papp, Arjan Martins, Clara Ianni, Daiara Tukano, Daniel de Paula, Eleonore Koch, Jaider Esbell, Lothar Baumgarten, Lydia Ourahmane, Neo Muyanga, Nina Beier, Noa Eshkol, Paulo Kapela, Regina Silveira, Sebastián Calfuqueo e Tony Cokes.**

Sobre o enunciado enunciado O sino de Ouro Preto

A Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos, mais conhecida como **Capela do Padre Faria**, é uma pequena igreja localizada em Ouro Preto (Minas Gerais), cujo campanário carrega um sino de bronze, fundido na Alemanha em 1750. Conta-se que, em 21 de abril de 1792, esse sino foi o único da colônia a ecoar, em aberta desobediência à ordem oficial que proibia homenagens ao inimigo da coroa, um toque de lamento pela execução de **Tiradentes**, único participante da **Inconfidência Mineira** que não teve revogada sua sentença de morte. Com a independência do Brasil e a proclamação da República, o mártir mineiro foi declarado herói nacional, e o **sino que o homenageou passou a ser considerado um símbolo da luta pela soberania do país**, a tal ponto que em 1960, noutro 21 de abril, foi levado a Brasília, içado ao lado de uma réplica da cruz usada na primeira missa realizada no Brasil e tocado para a inauguração da nova capital.

Na 34ª Bienal, o enunciado levanta perguntas como: o que quer dizer, hoje, voltar a olhar para esse sino tão fortemente marcado pela história do período colonial, sentir o tempo que continua se sedimentando sobre ele? Que ecos do Brasil e do mundo chegam, hoje, até a antiga Vila Rica e reverberam no bronze desse sino?

Sobre o enunciado Os retratos de Frederick Douglass

Frederick Augustus Washington Bailey nasceu em Talbot County, Maryland (EUA), em

fevereiro de 1817 (ou de 1818, segundo algumas fontes), filho de uma mãe negra escravizada e de um pai, provavelmente branco, que nunca o reconheceu. Em 1838, após algumas tentativas frustradas, conseguiu fugir para Nova York, onde a prática da escravidão havia sido abolida em 1827, mas a sensação de insegurança causada pela espreita constante de “sequestradores legalizados” de fugitivos fez com que logo se mudasse para New Bedford (Massachusetts), onde adotou o sobrenome Douglass.

Homem público, jornalista, escritor, orador e um dos principais líderes do movimento abolicionista nos EUA, é considerado o estadunidense mais fotografado do século 19. Em 1841, Douglass encomendou seu primeiro retrato fotográfico. Ele tinha plena consciência de que sua imagem de homem negro livre poderia ter grande amplitude na luta contra a escravidão e percebeu, de modo pioneiro, que a circulação massiva que o meio fotográfico permitia seria importante no suporte à luta antirracista e contra as práticas segregacionistas do pós-abolição. Como resultado de sua busca por difundir uma imagem positiva e não estereotipada de pessoas negras, seus retratos entraram no fluxo de circulação dos jornais, assim como em espaços privados de todo o país, e até hoje circulam pelo mundo como símbolo de justiça e resistência.

Sobre o enunciado *A ronda da morte* de Hélio Oiticica

Hélio Oiticica viveu em **Nova York** durante os anos documentados como os mais violentos do regime militar, aqueles que sucederam o **Ato Institucional Nº 5** (AI-5) de dezembro de 1968. De volta ao Brasil em 1978, percebeu que já não poderia encontrar muitos dos amigos que havia feito em meados da década de 1960 no samba e nas favelas do Rio, atribuindo essas ausências ao aniquilamento sistemático de uma parcela da população por parte do Estado. No ano seguinte, abalado pela brutal execução de mais um de seus amigos, escreveu uma carta em que descrevia um “parangolé-área” chamado ***A ronda da morte***. No formato de uma tenda de circo negra, teria luzes estroboscópicas e música tocando em seu interior, um ambiente convidativo para que as pessoas pudessem entrar e dançar. Enquanto a festividade se desenrolasse no seu interior, o perímetro da tenda seria cercado por homens a cavalo, que dariam voltas em torno dessa área emulando uma ronda.

A obra, que nunca foi realizada, seria apresentada pela primeira vez na programação da 34ª Bienal que teria acontecido em 2020 mas foi impossibilitada devido à pandemia. No entanto, *A ronda da morte*, representada por documentos de arquivo, foi incorporada como um enunciado, dialogando com obras que já haviam sido exibidas em Bienais passadas – pois o presente mobiliza a oportunidade de revisitar o seu sentido original, ou mesmo de reelaborá-lo – bem como ao lado de trabalhos que tematizam situações de violência de Estado e tensionam o limite entre passado e presente e a ideia de repetição na história.

Sobre o Programa de mostras itinerantes da Bienal de São Paulo

O Programa de mostras itinerantes da Bienal de São Paulo é uma iniciativa que chega em 2022 à sua sexta edição. A itinerância da 33ª Bienal, em 2019, percorreu oito cidades, sendo uma no exterior, e recebeu um público de mais de 170 mil visitantes.

“O programa aposta na arte e no seu impacto positivo no campo da educação e da cidadania. Parcerias com as instituições em cada local permitem a difusão do trabalho para além do circuito artístico da cidade de São Paulo, chegando a outros olhares e novas sensibilidades. Além das exposições, a iniciativa inclui ações educativas e de difusão, estando alinhada à missão da Fundação de integrar cultura e educação à vida

cotidiana”, afirma José Olympio da Veiga Pereira, presidente da Fundação Bienal.

Pela iniciativa, além de **São Luís (MA)**, **Campinas (SP)**, **São José do Rio Preto (SP)**, **Campos do Jordão (SP)** e **Belo Horizonte (BH)**, mais cidades brasileiras e do exterior estão previstas para receber recortes da 34ª Bienal este ano, entre elas: **Belém (PA)**, **Fortaleza (CE)** e **Santiago (Chile)**.

Serviço

34ª Bienal de São Paulo – *Faz escuro mas eu canto*
Programa de mostras itinerantes

Palácio Boa Vista

Campos do Jordão (SP)

29 junho – 31 julho 2022

Av. Adhemar Pereira de Barros, 3001 – Alto da Boa Vista, Campos do Jordão (SP)

Quarta – domingo, 10h –12h; 14h –17h

Entrada gratuita

Palácio das Artes

Belo Horizonte (MG)

05 de julho – 25 de setembro 2022

Av. Afonso Pena, 1537 – Centro, Belo Horizonte (BH)

Terça – sábado, 9h30 – 21h

Entrada gratuita

Informações à imprensa - Fundação Bienal de São Paulo

Marina Franco

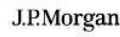
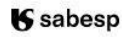
19 9 9874 5101 / marina.franco@bienal.org.br



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



APOIO



PARCERIA CULTURAL

